

O Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas

Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

PRETENDEMOS nesta reportagem descrever o andamento das construções do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas, que terá sede, dentro de pouco tempo, em terras da antiga Fazenda Nacional de Santa Cruz, no quilômetro 47 da estrada de rodagem Rio-São Paulo.

Já tivemos oportunidade de tratar desse mesmo assunto na *Revista do Serviço Público*, número de setembro de 1940. Pudemos então nos reportar ao histórico daquela região, conforme apontamentos que nos forneceu o Dr. Fernandes Leite, da Divisão de Terras e Colonização do Ministério da Agricultura.

Convenhamos que, num trabalho como este, a minúcia excessiva cansa, e o remontar a épocas muito distantes só pode interessar a um ou outro leitor desta revista, aficionado de assuntos históricos.

Por ter sabor especial vamos, entretanto, reproduzir novamente aquele trecho de documento datado de 1557, no qual se fala até em Martim Afonso de Souza, em linguagem "bem cepilhada e brunida" para aquela época, mas que hoje estranhemos um pouco...

"Pero Ferraz, loco-tenente do capitão desta capitania de S. Vicente, pelo Sr. Martim Affonso de Souza, capitão e governador dela, por El-Rei, nosso senhor, e do seu conselho, etc. Faço saber a todos

A propósito da reportagem sobre o Serviço Nacional de Lepra, publicada em nossa edição de novembro de 1943, recebemos do Dr. Ernani Agrícola, diretor daquele Serviço, o seguinte ofício, datado de 10 de dezembro último:

"No número dessa Revista, correspondente ao mês de novembro último, entre as magníficas colaborações nele contidas, figurou uma ampla e detalhada reportagem do Sr. Adalberto Mário Ribeiro, sobre o problema no nosso país. Focalizando o assunto com bastante acerto de conceitos, a reportagem em aprêço causou excelente impressão. Pela boa sistematização da matéria, pelo seu estilo atraiante e os substanciosos detalhes que tanto a valorizam, constitui a reportagem publicada na *Revista do Serviço Público* um trabalho que faz jus à mais ampla divulgação. Relewa salientar o alto senso patriótico que a inspirou, manifestado no evidente sentido de tornar conhecido o que se vem realizando no país sobre a campanha contra o mal de Hansen.

Na verdade, já existe muita coisa concretizada neste sector e tudo graças ao desvelo do atual governo no seu afan de aparelhar o Brasil com o armamento necessário a fazer face a este problema sanitário que representa um dos vários que afligem as nossas populações.

O Serviço Nacional de Lepra ficou cativado pelo empenho que esse importante órgão de publicidade da administração pública demonstrou em ventilar pelas suas pá-

os juizes e justiça e oficiais desta Capitania, que esta minha carta de data de terras de sesmaria de hoje para todo sempre virem, e o conhecimento pertencer, em como Christovão Monteiro, morador desta capitania, me foi feita uma petição, dizendo em ela que ele ha trinta anos povôa e mora nela, e nela casado com mulher, e filhos, e netos, e tem muito favorecido e ajudado a sustentar a terra, assim em tempo de guerra, como de paz", etc., etc..

Agora podemos dar um salto de quasi quatro séculos, deixando em paz esse Christovão Monteiro, que durante trinta anos talvez tenha vivido ali mesmo onde se encontra ainda hoje a velha casa que serviu de sede à Fazenda do Retiro. Talvez. Mas não vale a pena perder tempo com isso. E, se o fizéssemos, com rigor, teríamos então de remontar a épocas mais distantes e falar até do início da história do Brasil escrita — aquela famosa carta de Pero Vaz de Caminha, que, deslumbrado com a beleza de nossa terra, afirmou ser ela "tão graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo".

A história que nos interessa no momento é outra e restringe-se apenas a ligeira exposição de medidas oficiais, no Império e na República, atinentes ao ensino agronômico no Brasil.

Ver-se-á que não foi por falta de escolas de agronomia que o Brasil deixou de ser até ontem um país de produção agrícola variada, descuidando-se até dos produtos que diziam respeito a seu estômago. Aliás, esse fato foi bem focalizado pelo saudável Assis Brasil no seu livro *Cultura dos Campos*, publicado em 1897.

ginas tão palpitante assunto, e não tenho dúvidas que a reportagem tenha alcançado o êxito esperado, haja vista o cuidado e o interesse com que ela foi elaborada. Felicito, pois, a direção dessa Revista pelo que realizou e agradeço penhorado as referências enaltecidas dispensadas ao Serviço Nacional de Lepra, as quais bem valeram por um grande incentivo para todos aqueles que militam neste sector sanitário e nele aplicam a melhor das suas energias.

Tal foi o interesse que despertou a presente reportagem que posso adiantar o desejo deste Serviço em obter uma quantidade de separatas suficiente para poder distribuí-las pelos diferentes Estados. Estou certo de poder contar com o apóio de V. S. afim de que possa ser alcançado esse desideratum.

Renovando assim os profundos agradecimentos deste Serviço, subscrevo-me muito atenciosamente. — (a) Ernani Agrícola, diretor do S.N.L." (*Nota da Redação*).

Este trecho é bem expressivo :

"E' vergonhoso que o nosso país, dispondo de uma enormidade de terreno, tão fértil como o que mais o for, não tenha sequer a independência do próprio estômago, e vá pedir ao estrangeiro os gêneros mais necessários à vida. O Brasil importa por ano mais de 100.000 contos de réis em gêneros alimentícios, só das repúblicas do Prata.

As últimas estatísticas mostram que só em milho (um produto agrícola que o solo brasileiro dá com pasmosa fecundidade de norte a sul) e só contando a importação por Santos e Rio, entraram — números redondos — 142.000 sacos de 60 quilos em 1892; 523.000 sacos em 1893; 859.000 em 1894; 919.000 em 1895; 1.500.000 em 1896; 673.000 nos primeiros sete meses de 1897. E' uma progressão vergonhosa!

O que se vê quanto ao milho é verdade a respeito de todos os gêneros necessários à vida do homem e dos animais úteis. O feijão, chegámos ao aperfeiçoamento de o receber do México e do Chile, dois países longínquos. O do México vem ainda por escala por Nova York. Recebemos arroz da Índia, que nos fica do lado oposto do planeta e que não tem terras melhores do que as nossas. Um amigo meu (goiano) revelou-me que é muito comum comer-se em Goiaz... banha americana".

Passemos agora aos

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DE AGRONOMIA

A relação desses centros de estudos agronômicos causará de certo surpresa a muita gente, como a nós mesmo causou, ao colhermos em várias fontes as informações a respeito.

Assim é que ficámos sabendo que, anteriormente à atual Escola Nacional de Agronomia, instalada ali na praia Vermelha, teve o Rio de Janeiro estabelecimento congênere: a Escola de Agricultura, fundada em 1838 na Fazenda Nacional da Lagoa Rodrigo de Freitas, com a finalidade de ministrar ensino teórico e prático dessa especialidade.

Na Baía foi criado em 1859 o Imperial Instituto Baiano de Agricultura, seguido, em 1860, do Imperial Instituto Sergipano, que chegou a fundar uma escola rural modelo, importando sementes de plantas úteis com o objetivo de enriquecer a lavoura do Estado de novos produtos. O que faz hoje em São Paulo e em outros Estados, com a importação de máquinas e utensílios para revenda aos agricultores pelo preço de compra, já o Imperial Instituto Sergipano fazia naquela época. Imaginem só, se tal prática não tivesse sido interrompida e fôsse sempre, permanentemente, adotada em todos os Estados, como hoje estaríamos a coberto de tantos problemas sérios, que a atual guerra veio revelar entre nós!

Em 1859 foi criado o Imperial Instituto Baiano de Agricultura que, mais tarde, em 1877, instalou a Escola Agrícola de São Bento das Lages que, permanecendo anexa ao mesmo instituto até 1904, diplomou 377 agrônomos. Na história de nosso ensino agronômico, a Escola de São Bento

das Lages há de figurar sempre com muito relêvo, pois foi ela que formou os primeiros agrônomos brasileiros!

Em 1860 foi fundado o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, com este programa :

- 1.º facilitar a substituição de braços por máquinas e instrumentos apropriados e ensaiar o melhor sistema de colonização nacional e estrangeira;
- 2.º fundar estabelecimentos normais para experiências de máquinas e instrumentos agrícolas, para ensaios e sistemas de cultura, métodos de fabricação, aperfeiçoamento e conservação de produtos agrícolas, e processos para extinção de vermes e insetos nocivos;
- 3.º promover o melhoramento dos animais e a multiplicação das melhores espécies, auxiliando a administração no aperfeiçoamento dos meios de transporte;
- 4.º organizar uma exposição anual de produtos agrícolas;
- 5.º realizar, todos os anos, uma estatística rural, expondo a situação da agricultura, seus progressos ou sua decadência e as causas permanentes ou transitórias dos fenômenos;
- 6.º publicar uma revista de agricultura e economia rural; e, finalmente,
- 7.º criar estabelecimentos normais, escolas de agricultura, etc.

Não conseguimos apurar que fim levou instituto com tão bonito programa, mas hoje, no Estado do Rio, ninguém se lembra mais de sua existência...

Em 1870, com pequeno auxílio do governo da Província de São Paulo, foi fundada a Escola Agrícola de São Miguel, que durou pouco tempo.

No Rio Grande do Sul o governo imperial criou o Instituto Agrícola e Veterinário, que passou depois a chamar-se Escola Agrícola e Veterinária de Pelotas.

Voltando novamente a São Paulo, há que mencionar o expressivo gesto do Dr. Luiz de Souza Queiroz, que fez doação ao governo do Estado de sua Fazenda de São João da Montanha. Isso foi em 1892. E Luiz de Queiroz, de forma precisa, esclareceu sua intenção: "*para nela ser levada a efeito a idéia do estabelecimento de uma escola agrícola ou instituto para educação profissional dos que se dedicam à lavoura*".

E hoje temos, por isso, funcionando na antiga Fazenda de São João da Montanha, a Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", de Piracicaba, estabelecimento conceituadíssimo e de relevantes serviços a São Paulo e ao Brasil.

Em 1908 foram fundados a Escola Agrícola de Lavras, de iniciativa particular, e o Instituto João Pinheiro, que anteriormente se chamava Instituto da Gameleira, para formação profissional agrícola de nível elementar.

Em 20 de outubro de 1910, Nilo Peçanha, na Presidência da República, sendo ministro da Agricultura Rodolfo Miranda, baixou o decreto n. 8.319, que criou o ensino agronômico e aprovou o respectivo regulamento.

O ensino agrônômico passava então a desdobrar-se nas seguintes categorias: ensino superior, ensino médio ou teórico-prático, ensino prático, aprendizados agrícolas, ensino primário agrícola; escolas especiais de agricultura; escolas domésticas agrícolas; cursos ambulantes; cursos anexos com ensino agrícola; consultas agrícolas e conferências agrícolas.

Esse ensino seria ministrado em estações experimentais, campos de experiência e demonstração, fazendas experimentais, estação de ensaio de máquinas agrícolas, postos zootécnicos e postos meteorológicos.

Em consequência do referido decreto n. 8.319 foi criada no Rio de Janeiro a

ESCLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E MEDICINA VETERINÁRIA

O curso na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária foi dividido em dois ciclos: o fundamental e o especial.

Instalado em 1913, começou a funcionar no palácio do Duque de Saxe, em São Cristóvão, contando com uma fazenda de trabalhos práticos de agricultura em Deodoro, aqui nos subúrbios da Central do Brasil.

Em 1915 a escola foi fechada por falta de verba para sua manutenção e reunida às escolas médias de Pinheiro, no Estado do Rio, e da Baía, ambas criadas também em consequência do mesmo decreto n. 8.319.

A sede da Escola de Agricultura e Medicina Veterinária passou então a ser em Pinheiro, onde esteve até 1918. Daí foi transferida para Niterói e, atravessando a Guanabara novamente, foi parar na Praia Vermelha, ocupando a antiga sede do Ministério da Agricultura.

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA DE VIÇOSA

Em 1920 o Estado de Minas fundou a Escola Superior de Agricultura e Veterinária, de Viçosa, a qual confere certificados de: administrador rural, no curso elementar; técnico agrícola no ensino médio, e agrônomo e veterinário, no curso superior. Mantém ainda a mesma escola vários cursos especializados, que se destinam aos diplomados do curso superior de agricultura e veterinária.

A "Semana do Fazendeiro", instituída em 1929, no magnífico estabelecimento de ensino de Viçosa, é interessante reunião que congrega todos os anos, nessa cidade de Minas, fazendeiros de quasi todos os municípios do Estado, ansiosos por conhecer de perto a escola e dela receber ensinamentos, em cursos rápidos, que lhes possibilitem estabelecer depois novos métodos de trabalho nas suas propriedades agrícolas ou reformar a rotina daqueles que se ressentam, por acaso, de falhas.

A Escola Agrícola do Florestal mantém uma longa "semana do fazendeiro", nos moldes da da Escola de Viçosa, pois sua finalidade é ministrar, somente, cursos rápidos de agricultura a fazendeiros mineiros.

O ato do presidente Nilo Peçanha, criando o ensino superior de agronomia, teve repercussão em vários Estados.

Em Pôrto Alegre, foi criado, em 1910, um curso de agronomia junto ao Instituto de Engenharia. Em Jaboaá, em Pernambuco, foi fundada em 1911 a Escola Média de Agricultura, depois extinta, tendo o seu curso de agronomia sido anexado à Escola de Engenharia do Estado.

No Pará e no Paraná há também escolas de agronomia, mantidas com a subvenção dos governos desses Estados. Em Pernambuco, funciona a Escola Superior de Agricultura, mantida por esse Estado.

Finda esta primeira parte da reportagem, passemos a tratar da segunda, referente à criação e serviços do

CENTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISAS AGRONÔMICAS

Em 1938 o ministro Fernando Costa idealizou a construção da Escola Nacional de Agronomia no quilômetro 47 da rodovia Rio-São Paulo. A Escola seria dotada de três edifícios escolares e de uma extensa área para trabalhos práticos.

Depois, pelo decreto-lei n. 982, de 23 de dezembro de 1938, foi criado o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas (C.N.E.P.A.) ficando nele centralizados todos os órgãos de ensino e pesquisas.

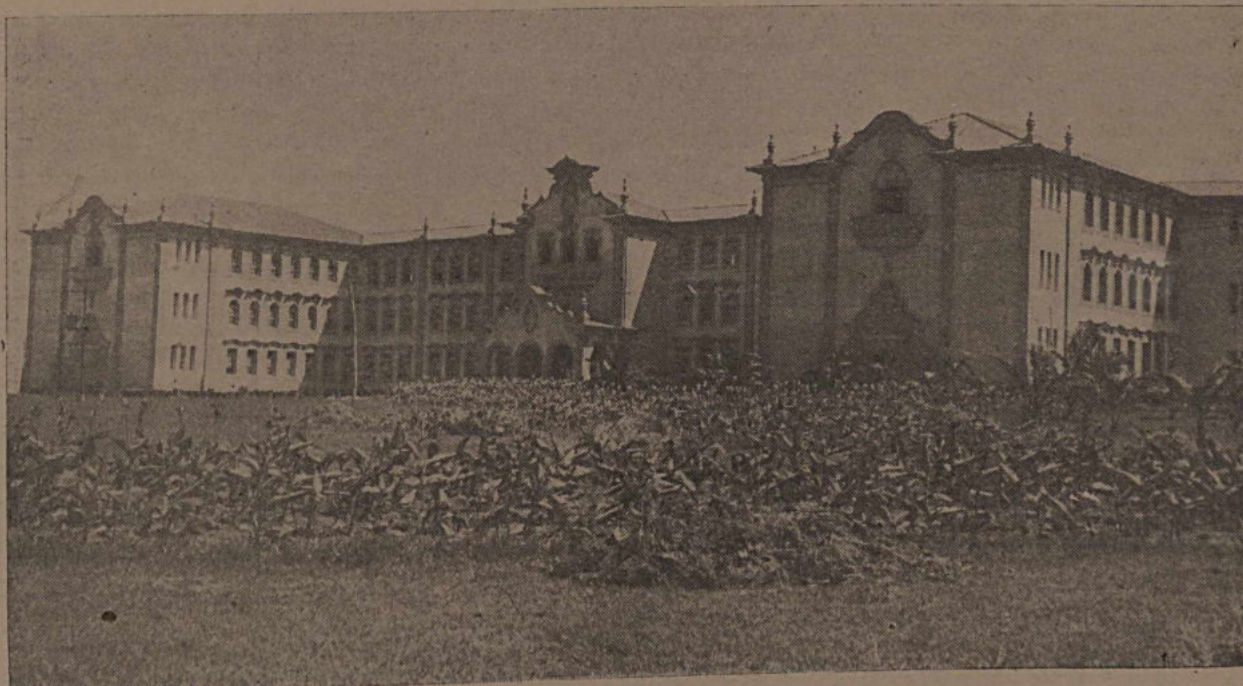
Atendendo à finalidade do C.N.E.P.A., que era a de ministrar o ensino e promover, pela pesquisa, o progresso da agronomia, sugeriu o presidente do D.A.S.P., Dr. Luiz Simões Lopes, a localização de todos os órgãos do Centro no quilômetro 47 da rodovia Rio-São Paulo.

Essa idéia foi, mais tarde, apoiada pelo ministro Fernando Costa e, também, pelo Presidente da República.

Foi quando entrou em execução o plano de construções do C.N.E.P.A. no quilômetro 47, agora com mais um estabelecimento de ensino — a Escola Nacional de Veterinária, que foi incorporada ao C.N.E.P.A. pelo decreto-lei n. 2.831, de 4 de novembro de 1940.

E hoje, ninguém pode esquecer a grandiosa iniciativa do Sr. Fernando Costa, quando ministro da Agricultura, promovendo, com inteiro apóio do Chefe do Governo Nacional, a construção desse Centro, ponto de partida de nova orientação no país, de uma revolução no setor da produção agrícola, que lhe vem proporcionar notável progresso.

Assim também não se poderá esquecer a valiosa contribuição do Dr. Heitor Grilo desde o início das obras no quilômetro 47, pois foi o atual diretor do C.N.E.P.A. quem orientou, a partir dos primeiros momentos, a elaboração do plano e projeto da grande obra, sendo mesmo incumbido pelo ministro Fernando Costa de ir a São Paulo entender-se com a firma Mario Whately & Cia., autora do projeto dos três grandes edifícios escolares da Escola Nacional de Agronomia. A ação do Dr. Heitor Grilo em prol da construção do grande centro de ensino e pesquisas agronômicas é realmente notável, pois só quem lhe acompanha diariamente o agir nessa tarefa é que pode aquilatar-lhe o valor, na revelação desse desejo ardente de trabalhar pelo engrandecimento da produção agrícola do país.



C.N.E.P.A. — Escola Nacional de Agronomia. Edifício principal

O INÍCIO DAS OBRAS

As obras do quilômetro 47 da rodovia Rio-São Paulo foram iniciadas em novembro de 1938 com os trabalhos de topografia, movimento de terra e instalação do canteiro de serviço sob a fiscalização do engenheiro Francisco Fernandes Leite.

Posteriormente, o então ministro Fernando Costa organizou uma comissão para controlar as obras, comissão essa dividida nos três seguintes setores, sob a sua presidência:

Setor de planos e coordenação, sob a direção do Dr. Heitor Grilo, então diretor da Escola Nacional de Agronomia;

Setor de projetos, sob a direção do engenheiro Ângelo Murgel;

Setor de obras e fiscalização, sob a direção do engenheiro Francisco Fernandes Leite.

A NOVA COMISSÃO DE CONSTRUÇÃO

As obras vieram assim conduzidas até novembro de 1941, quando assumiu a direção das mesmas a comissão criada pelo decreto-lei n. 3.480, de 29 de julho de 1941.

Esta comissão, que vem conduzindo as obras até agora, é constituída dos seguintes membros:

Heitor Grilo, diretor geral do C.N.E.P.A., que é também o presidente da Comissão;

Waldemar Raythe, diretor da Escola Nacional de Agronomia;

Guilherme Hermsdorff, diretor da Escola Nacional de Veterinária;

Ângelo Murgel, engenheiro representante da Divisão de Obras do Ministério da Agricultura.

O engenheiro Eduardo da Veiga Soares é o superintendente das obras, tendo sob sua chefia, de acordo com o

art. 4.º do regimento da comissão, aprovado pelo decreto n. 12.777, de 2 de julho de 1943, as seguintes turmas:

- Turma de Planejamento e Contrôlê (T.P.C.);
- Turma de Execução e Fiscalização (T.E.F.);
- Turma de Agricultura (T.A.);
- Oficinas (O.).

O responsável pela turma de execução e fiscalização é o engenheiro civil Jacques Borges Saliés, que é o residente, e os responsáveis pela turma de agricultura e oficinas são, respectivamente, os engenheiros agrônomos René Gouvêa da Cunha e Bernardino Bruno.

A atual comissão ultimou o plano geral das obras, de acordo com a orientação do Governo Nacional, cabendo à turma de planejamento a elaboração dos projetos, especificações e orçamentos.

Êstes projetos, depois de concluídos, são submetidos à aprovação do ministro e, posteriormente, do Presidente da República, por intermédio do D.A.S.P.

De acordo com a exposição de motivos do D.A.S.P. n. 921, de 27 de março de 1943, aprovada pelo Presidente da República, ficaram estabelecidas as seguintes normas para as concorrências relativas à execução das obras no quilômetro 47:

- a) adjudicação dos trabalhos mediante concorrências administrativas;
- b) coleta de preços, caso não se apresentem proponentes nas concorrências administrativas;
- c) administração direta e por meio de adiantamentos, caso não se apresentem interessados nas coletas de preços ou sejam ultrapassados os orçamentos oficiais.

Na maioria dos casos, apesar do natural retraimento dos interessados em construções, em consequência da conflagra-

ção mundial, têm comparecido interessados nas concorrências, ofertando preços abaixo dos orçamentos oficiais, sendo poucos os casos de propostas com preços acima dos mesmos orçamentos.

Todavia, casos houve — como na construção do alojamento de alunos — em que os preços apresentados foram muito superiores à verba autorizada, sendo os serviços nesses casos, feitos por administração direta da comissão, com resultado satisfatório.

Motivou esse fato o período decorrido entre a época em que foram elaborados os projetos e a em que foi realizada a concorrência, isto em virtude da alta que vinham sofrendo as cotações para os materiais de construção, quando não havia ainda o controle da Coordenação da Mobilização Econômica.

Convém salientar, aqui, o fato verificado nesse caso.

A verba consignada para a construção dos alojamentos era de Cr\$ 2.529.751,00. Realizada a concorrência, a proposta mais baixa foi de Cr\$ 4.104.000,00! Procedida a coleta de preços, nenhum concorrente compareceu. Foi adotado, então, de acordo com as normas já referidas, o regime de administração direta da comissão de construção, devendo atingir a Cr\$ 3.350.000,00 o custo total da obra. Com essa medida economizará o Governo cerca de..... Cr\$ 750.000,00, diferença calculada sobre a menor proposta apresentada na primeira concorrência e o custo da obra sob administração.

AUTORES DE PROJETOS.

Os vários projetos das obras do quilômetro 47 são da autoria dos seguintes engenheiros:

- 1 — Firma Mario Whately & Cia. — Estudo inicial dos três edifícios escolares, Casa de Administração e Secção de Zootecnia, e dependências de Avicultura, de acordo com o plano do professor Heitor Grilo;

- 2 — Angelo A. Murgel — Aprendizado Agrícola, Meteorologia, residência do diretor da E.N.A. e modificações nos edifícios escolares;
- 3 — João Moreira Maciel — Instituto de Ecologia, Instituto de Experimentação, este em colaboração com o engenheiro Flavio de Sá Carvalho, tudo de acordo com o plano do Dr. Alvaro Fagundes;
- 4 — Eduardo da Veiga Soares — Modificações e adaptações nos três edifícios escolares. Edifício do Restaurante, Alojamentos de trabalhadores solteiros, Residências de diretores, professores, funcionários e trabalhadores casados, de acordo com o plano da Comissão de Construção do C.N.E.P.A.;
- 5 — Flavio de Sá Carvalho — Modificações dos projetos de Sericultura, este da autoria do Dr. F. A. Iglesias, Oficinas e Apicultura, de acordo com sugestões, para sua modificação, do Dr. Heitor Grilo;
- 6 — Leonardo Otto Kuhn — Instituto Nacional de Óleos, de acordo com o plano traçado pela Comissão designada para esse fim, Escola Nacional de Veterinária e Alojamento de trabalhadores, de acordo com o plano da Comissão de Construção do C.N.E.P.A.;
- 7 — Aloisio Clark Ribeiro e Jacques Borges Saliés — Redes de estradas e encalhamento de valas;
- 8 — José Queiroz de Andrade — Serviço de abastecimento de água;
- 9 — Manoel Moreira Caldas — Alojamento de alunos, de acordo com o plano do Dr. Heitor Grilo, e edifícios da sub-estação elétrica;
- 10 — José Theodoro da Silva — Edifício sede da Secção de Avicultura, de acordo com o plano do Dr. Heitor Grilo;
- 11 — Reynaldo Dierberger — Plano geral de parques, jardins e de urbanização;



C.N.E.P.A. — Pátio interno do edifício principal da Escola Nacional de Agronomia

- 12 — Escritório Saturnino de Brito — Rede geral de esgoto e estação de tratamento;
- 13 — José Carlos Duarte — Construções para a cadeira de Agricultura Especial da E.N.A.;
- 14 — A.E.G. Cia. Sul-Americana de Eletricidade — Rede geral elétrica e Sub-Estação;
- 15 — Eugênio Proença Sigaud — Adaptações e decorações internas dos edifícios escolares;
- 16 — Francisco Fernandes Leite — Levantamentos topográficos da área do C.N.E.P.A.

OS EDIFÍCIOS JÁ LEVANTADOS NO QUILOMETRO 47

Já estão construídos no quilômetro 47 da estrada Rio-São Paulo os seguintes edifícios do C.N.E.P.A.:

- a) Escola Nacional de Agronomia, composta de três edifícios escolares (Pavilhão Principal, Pavilhão de Química e Pavilhão de Biologia). Edifícios residenciais, compreendendo: casa de administração, casa do diretor da Escola e residências para funcionários e trabalhadores casados. Órgãos complementares, compreendendo: Secções de Zootécnica, de Avicultura, de Sericultura, de Apicultura, Oficinas, Cella Becari e Alojamento de alunos;
- b) Instituto de Ecologia Agrícola, composto de um edifício principal, de edifícios residenciais, depósito de inflamáveis e construções rurais diversas;
- c) Instituto de Experimentação Agrícola, composto de um edifício principal, de edifícios residenciais e dos órgãos complementares seguintes: Cocheira, Estrumeira, Ripado, e Estufa de vidro;
- d) Aprendizado Agrícola, com o edifício principal e uma vila residencial;
- e) Instituto de Meteorologia;
- f) Sub-estação elétrica.

Muitos outros edifícios serão construídos no mesmo local, como sejam: Escola Nacional de Veterinária, edifícios residenciais dentro e fora da área do Centro, Instituto Nacional de Óleos, o Centro Médico, o Centro de Desportos, construções complementares para Zootécnica, Instituto de Química Agrícola e Biblioteca Central do C.N.E.P.A.

Possue o Centro inúmeros serviços importantes, como por exemplo: Rede de abastecimento d'água, rede geral de iluminação; estradas asfaltadas e macadamizadas; encahlamento de valas; parque ornamental e botânico, onde já existem cerca de doze mil mudas de árvores diversas, etc.

Serão realizados futuramente outros serviços, como rede geral de esgoto e estação de tratamento; usinã e rede geral de gás; rede de irrigação do parque, etc.

DESPESAS COM AS CONSTRUÇÕES

O custo total das obras, até 31 de dezembro de 1943, era de Cr\$ 59.574.920,20, que assim se distribuem:

1938	Cr\$ 2.079.929,00
1939	Cr\$ 8.018.566,28
1940	Cr\$ 14.526.674,70
1941	Cr\$ 10.260.676,90
1942	Cr\$ 8.974.250,70
1943	Cr\$ 15.714.822,62

A ORGANIZAÇÃO DO C.N.E.P.A.

A organização do C.N.E.P.A., segundo o projeto de regimento que prende, no momento, a atenção das altas autoridades administrativas, deverá ser a seguinte:

- a) *Universidade Rural*, da qual farão parte a Escola Nacional de Agronomia, a Escola Nacional de Veterinária, os Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização, os Cursos de Extensão, o Aprendizado Agrícola, o Serviço Escolar e o Serviço de Desportos;
- b) *Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas* compreendendo: o Instituto de Ecologia e de Experimentação Agrícolas; Instituto de Química Agrícola; Instituto Nacional de Óleos; Instituto de Fermentação, com suas Estações de Enologia, Sub-Estações de Enologia e Postos de Análises de Vinho; Rede de Experimentação Agrícola, da qual farão parte os Institutos Agronômicos do Norte, Nordeste, Sul e Oeste, as Estações Experimentais e Sub-Estações Experimentais;
- c) *Serviço de Administração*;
- d) *Serviço Médico*;
- e) *Biblioteca Central*;
- f) *Superintendência de Edifícios e Parques*.

No Pavilhão Principal, além da Escola Nacional de Agronomia, serão instalados:

- a) algumas cadeiras da Escola Nacional de Veterinária;
- b) os Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização;
- c) os Cursos de Extensão;
- d) o Serviço Escolar;
- e) o Serviço de Desportos;
- f) o Serviço de Administração;
- g) a Superintendência de Edifícios e Parques;
- h) a Diretoria Geral do C.N.E.P.A.

À Universidade Rural incumbirá:

- a) promover e estimular o progresso do ensino da agronomia e da veterinária, em todos os seus graus;
- b) ministrar o ensino superior da agronomia e da veterinária;
- c) promover cursos para formação de especialistas e pesquisadores para as carreiras do Ministério da Agricultura e demais órgãos da administração pública, paraestatal ou privada;
- d) formar profissionais e técnicos nos vários ramos da atividade agrícola;
- e) promover cursos de extensão e congêneres para agricultores, criadores e interessados na melhoria de seus conhecimentos de agricultura, pecuária e indústrias rurais.

Ao Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas incumbirá:

- a) dirigir e coordenar as pesquisas agronômicas do país;

- b) promover, por meio de pesquisas, o progresso da agricultura;
- c) organizar programas anuais de trabalhos que correspondam às necessidades nacionais;
- d) delimitar as regiões naturais típicas do país, tendo em consideração, especialmente, as condições agrogeológicas e climáticas;
- e) superintender a rede nacional de experimentação agrícola;
- f) cooperar com a Universidade Rural em cursos relacionados com as atividades de seus diferentes Institutos.

VISITA ÀS OBRAS DO C.N.E.P.A.

No dia 17 de novembro último, mais uma turma de funcionários de vários ministérios foi visitar as obras do C.N.E.P.A., no quilômetro 47 da estrada de rodagem Rio-São Paulo. Eram ao todo 25 e, entre eles, alguns do D.A.S.P., que vem promovendo essas visitas com real vantagem para os serviços públicos.

Participámos da excursão como colaborador da *Revista do Serviço Público*, interessado em colher notas para uma nova reportagem, pois bem sabíamos que um mundo de coisas se havia realizado ali, nestes últimos anos, depois de nossa estada, em 1940, no quilômetro 47.

UM PARÊNTESE NECESSÁRIO

Desejamos nesta altura abrir um parêntese e fazer referência à acertada medida do D.A.S.P. em promover, de vez em quando, o contato de seus técnicos e de servidores de outros Departamentos com os setores administrativos do Governo Federal.

Ver-se-á que não se trata de excursões recreativas. Nada disto!

A finalidade das visitas promovidas pela Divisão de Organização e Coordenação do D.A.S.P. é tornar mais conhecidos os órgãos da administração pública e as suas verdadeiras necessidades. Visa com isso sugerir medidas no sentido de proscurever velhos hábitos de trabalho e rotinas defeituosas que, por acaso, se encontrem ainda nos nossos serviços públicos.

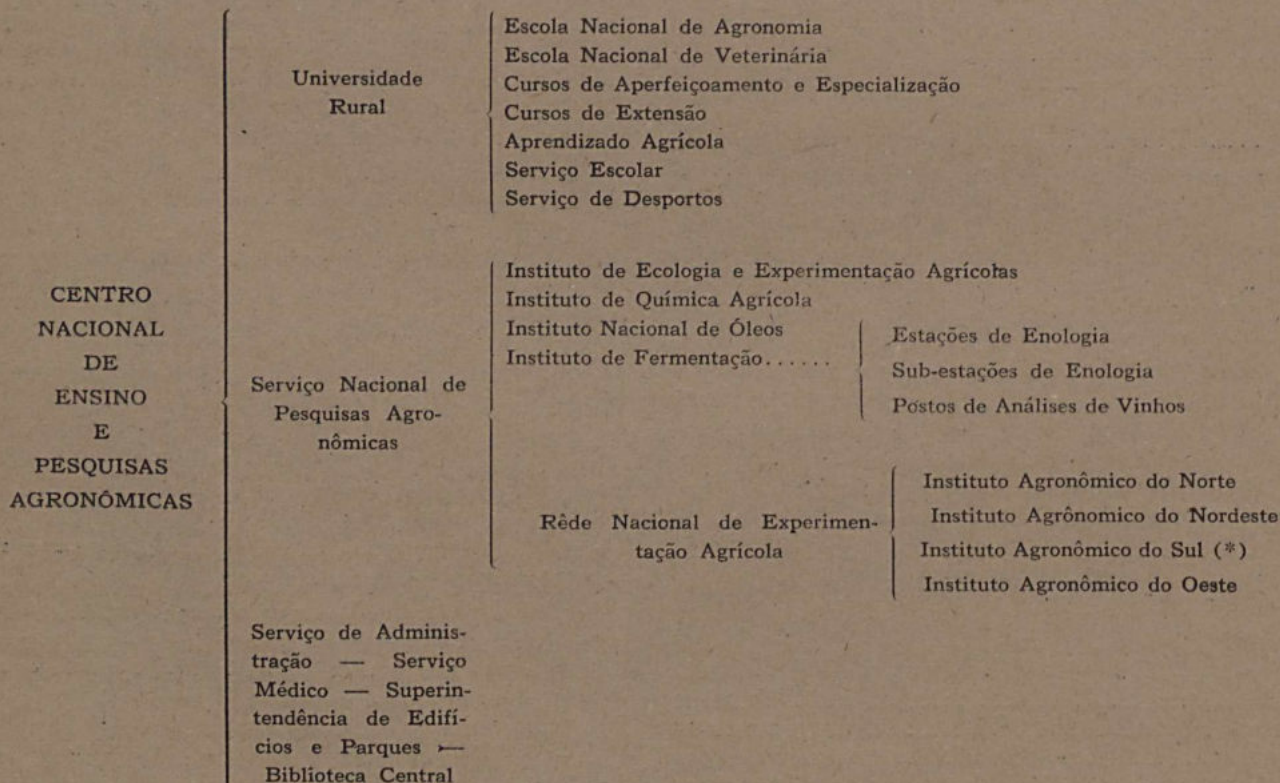
Por outro lado, procuram os técnicos, orientados pelo Dr. Moacir Ribeiro Briggs, diretor daquela Divisão, observar de perto as boas normas e métodos já adotados em organizações onde os serviços foram ultimamente racionalizados, para depois os levar também àqueles que, à falta de assistência técnica adequada, permanecem ainda com processos de trabalho há muito considerados obsoletos.

VISITAS PROMOVIDAS PELO D.A.S.P. ATÉ 30 DE NOVEMBRO

O D.A.S.P. já promoveu até 30 de novembro último oito visitas, estando programadas mais quatro para dezem-

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Esquema da organização projetada para o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas



(*) Este Instituto deverá ser instalado em 1944, no município de Pelotas.



C.N.E.P.A. — O diretor geral expõe a um grupo de funcionários o plano geral das construções

bro, o que, aliás, já deve ter realizado. Não as mencionamos todas aqui nesta reportagem porque os nossos originais são preparados sempre com muita antecedência, de forma a não haver qualquer retardamento na saída regular da *Revista do Serviço Público*, sempre publicada no dia 1.º de cada mês.

O leitor há de ter notado que soltamos a expressão *programadas*, em vez de *previstas*. Mas está certo. A Divisão de Organização e Coordenação *programou* realmente verdadeiras normas a que deverão obedecer essas visitas, havendo para cada repartição, conforme a sua natureza de trabalho, roteiro adequado, que se emprega, em linhas gerais, em repartições semelhantes.

Não vamos, por agora, mencionar os roteiros estabelecidos. Melhor será dizer onde já estiveram os técnicos do D.A.S.P. em suas visitas, coordenadas sempre pelo assistente de organização Sr. Fenelon Silva.

A primeira foi realizada a 8 de outubro de 1943, ao Instituto Oswaldo Cruz, o grande centro científico de Mangueiras de que já nos ocupámos em longa reportagem nesta revista. Seguiram-se mais estas: à Casa da Moeda, em 13 de outubro; à Secretaria de Estado do Ministério das Relações Exteriores, a 20; e à Fábrica Nacional de Motores, a 27 do mesmo mês. Em novembro foram feitas as seguintes: a 3, ao Serviço de Assistência a Menores; a 9, ao Instituto Nacional de Tecnologia; a 17, ao C.N.E.P.A. Também desses dois órgãos visitados em novembro a *Revista do Serviço Público* se ocupou em reportagens e, quanto à do

dia 17, aqui estamos falando, animados da mesma intenção de divulgar, de forma clara e precisa e sem exageros, as grandes obras do Governo, embora o fazendo, é claro, com as limitações naturais a que o velho repórter não pode eximir-se, por lhe serem inerentes...

Em novembro, a 24, estiveram funcionários do D.A.S.P. e membros das Comissões de Eficiência no Serviço Nacional de Doenças Mentais, no Engenho de Dentro e em Jacarépaguá.

DEPOIS DE CADA VISITA

Realizada uma visita, o seu coordenador faz sucinto relatório do que nela foi observado, ilustrando-o, quando possível, de fotografias.

Para que não haja dispersão de atenções, ficou estabelecido que cada grupo de visitantes deverá ter, em média, 25 componentes, entre os quais se incluem duas ou três funcionárias, considerando-se a natureza da repartição a visitar. E essa prática é muito boa, conforme constatamos na visita ao C.N.E.P.A., da qual participaram duas funcionárias: D. Elsa Soares Duque Estrada, da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação, e D. Marina Junqueira Schmidt, do Serviço de Documentação do D.A.S.P.

A senhorita Elsa Duque Estrada deu muita animação ao grupo de visitantes, com o interesse revelado de forma inteligente por tudo que lhe foi dado observar no C.N.E.P.A. A. Gostámos de vê-la bem senhora de assuntos econômicos, como observamos quando estivemos no Instituto de Ecolo-

gia Agrícola, onde fez oportunas perguntas ao seu diretor, Dr. Elídio Velasco, sobre cultura e comércio de algodão.

A senhorita Marina Schmidt, de feito um tanto retraído, nem por isso se mostrou indiferente ao mundo de coisas interessantes que existe já na Cidade da Agricultura. No dia seguinte ao da excursão, observámo-lhe o entusiasmo com que se referia, no Serviço de Documentação do D.A.S.P., às magníficas seções de entomologia agrícola ou aos trabalhos de criação do bicho da seda.

UMA RECEITA

Aquí deixamos esta receita às administrações estaduais quando tiverem de promover visitas semelhantes às do D.A.S.P.: o grupo de visitantes não precisa ser muito numeroso e, depois, não devem esquecer de nele incluir duas ou três funcionárias. Mais, também não convém. E essas duas ou três participantes, no dia seguinte, se incumbirão, sem dúvida, de dizer, naturalmente com mais graça e vivacidade do que os seus colegas funcionários, o que viram e observaram na excursão, nos menores detalhes...

UMA EXPOSIÇÃO CLARA DO DIRETOR DO C.N.E.P.A.

Com essa espécie de receita de doce que oferecemos às administrações estaduais, fechamos o parêntese que, como viram os leitores, foi mesmo necessário como informação de sábia norma do D.A.S.P. para aperfeiçoar ainda mais a nossa máquina administrativa.

Então, dois pontos e prossigamos:

Depois de uma hora de viagem de automóvel, começamos a divisar ao longe as grandes edificações do C.N.E.

P.A., no quilômetro 47 da estrada de rodagem Rio-São Paulo, a formarem a *Cidade da Agronomia*, como o jornalista Costa Rego denominou o grande empreendimento do atual Governo da República, no seu artigo de 11 de julho último no *Correio da Manhã*. Os visitantes foram todos levados para extenso barracão, onde se acham plantas e desenhos das obras já realizadas e a realizar no quilômetro 47.

Havia tal interesse, por parte dos excursionistas, de percorrerem logo as monumentais construções do C.N.E.P.A., que a descida ali junto àquele feio barracão os decepcionou um pouco... Natural. Mas talvez houvesse razão para o Dr. Heitor Grilo assim proceder. Veio um cafêzinho bom e, ali mesmo, ao lado de longa mesa tósca, na qual se viam enroladas várias plantas das construções, o diretor do C.N.E.P.A. começou a falar aos visitantes sobre os trabalhos de levantamento do maior centro de ensino e pesquisas agronômicas do país.

E foi-se por água abaixo a decepção dos visitantes por terem sido levados para aquele barracão exíguo e feio: o Dr. Heitor Grilo, num instante e logo no início de sua explanação, fê-los compreender a necessidade, para maior aproveitamento da excursão, de se inteirarem primeiro da escolha do local para sede do C.N.E.P.A. e depois do plano a que vão obedecendo as construções.

Ressaltou em seguida, em suas linhas gerais, o que constitui a "rede dos canais competentes", isto é, como age a Comissão de Construção, criada para planejar e dirigir as obras do C.N.E.P.A., o que faz recebendo depois a colaboração do D.A.S.P., do Tribunal de Contas, etc., etc. E, sem usar absolutamente de qualquer malícia, disse considerar essa colaboração como verdadeiro e indispensável controle, pois ver-se-á mais tarde, pelos volumosos proces-



C.N.E.P.A. — Edifício principal da Secção de Apicultura



C.N.E.P.A. — Aprendizado Agrícola. Alunos no refeitório, à hora do almoço. Ao fundo, funcionários de vários ministérios em visita ao estabelecimento

os arquivados, que hoje se elevam em altas pilhas, como trabalhou a referida Comissão. Qualificou mesmo esse controle como norma confortável.

Em seguida, passou a expor aos presentes o emprêgo rigoroso das verbas expendidas nas construções, valendo-se de escrituração ali a seu lado, onde se encontravam lançados os créditos abertos e as despesas parceladas feitas com os trabalhos de construção.

— E quando espera o doutor ver concluídas todas as obras? — perguntou o Sr. Custódio Sobral de Almeida, chefe da Secção de Administração Específica da D.C. do D.A.S.P.

— Se me forem dados os necessários recursos, como até aqui tem sido feito regularmente, até dezembro de 1944 estará tudo pronto. Aliás, devo acentuar que se supunha que a despesa total atingisse a cem milhões de cruzeiros.

Nessa altura, o Dr. Heitor Grilo deteve-se em explicar como trabalha a Comissão de Construção e se faz a coleta de preços para cada serviço a executar. Mais adiante, os leitores poderão encontrar a respeito os apontamentos que nos forneceu o Dr. Veiga Soares, superintendente das obras da referida Comissão.

— E já se pode saber qual o montante das obras executadas? (Esta pergunta é também do Dr. Custódio Sobral de Almeida)

— Mais de dois terços.

O Dr. Heitor Grilo, aproximando-se de longa planta espicada à parede, proporciona a todos longa visão do conjunto da futura universidade agrária do país. Refere-se ao parque, com seus dois imensos lagos artificiais, parque esse que pode ser considerado o maior do Brasil, cobrindo uma

superfície de 1.200.000 metros quadrados. Justifica o estilo adotado, com influência do colonial nos edifícios, conforme escolheu o Dr. Fernando Costa, a quem se deve a iniciativa e grande parte da realização da obra de construção do C.N.E.P.A., e adianta que será mantido sempre esse estilo, não sendo permitido outro nas construções que se fizerem mais tarde.

— E como se vai resolver o problema da residência de funcionários e operários? — indaga a senhorita Elsa Duque Estrada.

— Vamos ter diversos tipos de residência, não só para funcionários solteiros como para casados. Mas, além dessas casas, cogita-se da aquisição de velha fazenda, entre os quilômetros 47 e 53, a qual poderá ser dividida em 800 lotes, de 5 alqueires de terras cada um, para serem vendidos em prestações suaves aos funcionários, por intermédio do I.P. A.S.E. ou da Caixa Econômica e para pagamento no prazo de quinze a vinte anos.

— E sobre instrução primária? (D. Elsa Duque Estrada já estava empatando, 2 a 2, nas perguntas, com o Dr. Custódio de Almeida...)

— O Governo do Estado do Rio vai transferir para aqui uma escola típica rural de Volta Redonda.

— E por que o Estado do Rio e não a Prefeitura do Distrito Federal? (Essa pergunta é ainda daquele jovem de olhos vivos e óculos fuzilantes, o emérito perguntador Dr. Custódio Sobral Martins de Almeida).

E o Dr. Heitor Grilo responde-lhe:

— Porque nós aqui estamos no município de Itaguaí, no Estado do Rio.

Francamente, o representante do D.A.S.P., que não conhecíamos senão de vista, deixou-nos mal, ao velho repórter da *Revista do Serviço Público*, sempre por êle precedido nas indagações. O jovem de óculos fuzilantes alia às funções de técnico de organização do D.A.S.P. esta outra bem diferente: a de excelente jornalista. Ai está, naturalmente, outra razão porque o Dr. Moacir Ribeiro Briggs o escolheu para, ao lado do incansável Sr. Fenelon Silva, acompanhar-nos, a todos, ao quilômetro 47 da estrada Rio-São Paulo. E, se nos fôsse possível, pediríamos ao Dr. Briggs que nos fizesse *attaché* do emérito perguntador, Sr. Martins de Almeida, em todas as visitas do D. A.S.P. às repartições públicas, pois colheríamos assim informações mais minuciosas para a *Revista do Serviço Público* e também para o *Correio da Manhã*.

Bem, mas quem estava com a palavra era o Dr. Heitor Grilo (E' verdade que essa interrupção foi só aqui no papel. Lá, a seu lado, seria imperdoável aparte tão longo...)

Depois, o Dr. Heitor Grilo passou a tratar do saneamento da imensa área do C.N.E.P.A., de cerca de 5 milhões de metros quadrados e que deverá conter 5.000 habitantes, mais tarde, quando todos os serviços estiverem em pleno funcionamento. Disse que, anteriormente, 72% da população local se achava atacada da malária.

— E hoje?

— Não chega a 1%.

Não pensem os leitores que essa pergunta foi do Sr. Custódio Martins de Almeida. Estava êle no momento tomando nota das cifras reveladas pelo Dr. Grilo; se não fôsse isso, na certa não lhe escaparia a indagação.

O diretor do C.N.E.P.A. alude em seguida aos magníficos serviços prestados pelo Departamento de Obras de Saneamento, de que é diretor o Dr. Hildebrando de Góes, não se esquecendo da boa vontade e da operosidade do Dr. Lafayette de Freitas, chefe dos serviços de combate à malária no Estado do Rio, organizados pelo Departamento Nacional de Saúde.

Terminada a explanação do Dr. Heitor Grilo, deixaram os excursionistas o feio e exqu岸ito barracão como se houvessem assistido a completa aula, na qual não houve necessidade de projeções luminosas, porque os quadros elucidativos a respeito estavam cá fóra e batidos todos pela luz intensa de belo dia de sol!

Em seguida, foi iniciada a visita pela

SECÇÃO DE APICULTURA

A Secção de Apicultura ocupa três edifícios. O técnico encarregado dos serviços é o jovem operário de artes gráficas da Imprensa Nacional, Sr. Celso Didier, que preferiu lidar com abelhas a corrigir "gatos" e comer "pastéis" na caixa tipográfica ou no linotipo. E' a todos deu êle impressão de que é perfeito o seu reajustamento às novas funções.

O material da Secção de Apicultura veio todo da antiga Estação Experimental de Deodoro. Mas o Sr. Celso Didier o está aproveitando da melhor forma, até imprimir-lhe perfeita padronização.

O Dr. Licínio de Almeida, que fazia parte do grupo de visitantes, entreteve-se a conversar por momentos com o Sr. Celso Didier, depois de haver êste falado sobre os serviços a seu cargo.

O Dr. Licínio de Almeida, com muito espírito, referiu-se a trabalhos dêste outro amigo das abelhas, mais conhecido dos cultores das belas letras: Maeterlinck.

Mas o Sr. Celso Didier *topou* a parada, mostrando que também já havia lido o autor da *Vida das Abelhas*.

Como lembrança, cada excursionista ganhou um bom pedaço de favo de mel, o que foi de muito agrado de todos e, sobretudo, do escritor Raul de Azevedo, presidente da Comissão de Eficiência do Ministério da Viação, que no regresso à cidade de vez em quando afagava carinhosamente



C.N.E.P.A. — O Presidente da República conversando com um aluno do Aprendizado Agrícola no dia da inauguração dêste estabelecimento, a 20 de novembro de 1943

o seu dulçoroso presente, a ver se os favos preciosos estavam virados ou não, pois não queria ficar com as mãos meladas...

Do Pavilhão de Apicultura foram os visitantes ao

APRENDIZADO AGRÍCOLA

Chegámos ao Aprendizado Agrícola à hora do almoço dos alunos, todos filhos de lavradores da zona e alguns dos Estados do Rio, Minas e São Paulo. Ao todo 50 no momento. Podem ser elevados a 150.

Boa a comida que lhes era servida, e até bem cheirosa. Os visitantes tiveram excelente impressão do Aprendizado, cujo papel social é muito simpático. O diretor dessa interessante escola rural é o Dr. Aloisio Marques. O curso nela ministrado é de quatro anos, sendo ministrado a menores de 12 a 16 anos.

Três dias depois de nossa estada no quilômetro 47, isto é, a 20 de novembro de 1943, foi inaugurado oficialmente, com a presença do Sr. Presidente da República, o Aprendizado Agrícola.

A Educação — O principal problema do Ministério da Agricultura

No ato festivo da inauguração do Aprendizado falou o ministro Sr. Apolônio Sales, que proferiu interessante e oportuno discurso, do qual reproduzimos aqui este trecho :

“Este Aprendizado foi iniciado e construído nas suas linhas principais pelo meu antecessor, o operoso ministro Fernando Costa. Coube-me terminá-lo e rematar as suas construções acessórias e encher estas salas e salões com as instalações indispensáveis ao ensino e, sobretudo, com a alegria das crianças que para aqui vieram a nosso convite, curiosas de conhecimentos e educação agrícola. Por uma feliz coincidência, são crianças os primeiros brasileiros que se vão beneficiar, no ambiente grandioso do C.N.E.P.A., do plano educativo para o qual o Governo Nacional constrói tantas e tão vultosas instalações. Dissereis que estes meninos se tornaram um símbolo a indicar que neste cenário em que se travam batalhas cruentas para a conquista do saber, em que

se pesquisam incógnitas na ciência da terra, em que se preparam novos cruzados para a redenção econômica do país, não há lugar para almas envelhecidas, só tendo abrigo os espíritos moços que, ao correr dos anos, não se deixaram vencer pelos desalentos do pessimismo ou pela apatia dos que, obstados nos seus interesses ou nas suas idéias, descreem do progresso de empreendimentos a que negaram de comêço o seu apôio. Podemos afirmar, sem exagero, para ressaltar o significado do que aqui o Governo Nacional está realizando, serem a instrução e a educação agrícolas, quando intimamente conjugadas, o principal problema do Ministério da Agricultura, o setor a que êle deve dar o máximo de suas possibilidades de ordem técnica e financeira”.

E todo o discurso do ministro da Agricultura demonstra o interesse real e sincero do Sr. Apolônio Sales, que vem acompanhando com entusiasmo de administrador atilado e bom patriota o prosseguimento das obras do C.N.E.P.A.

CULTUANDO O PASSADO

Por uma fotografia desta reportagem ver-se-á o andamento das obras do alojamento de alunos das escolas Nacional de Agricultura e de Veterinária e, a seu lado, velha casa a lembrar o passado de forma muito expressiva.

O Dr. Heitor Grilo, considerando bem a significação de tal contraste, resolveu conservar tal qual está a velha sede da Fazenda do Retiro, procurando ainda manter o seu interior, restaurado agora de modo a dar a todos que o visitarem perfeita visão do passado.



C.N.E.P.A. — Aprendizado Agrícola. Pátio interno



C.N.E.P.A. — Um dos edifícios destinados ao alojamento dos alunos, vendo-se ao lado a velha casa da Fazenda do Retiro, que será conservada

SECÇÃO EXPERIMENTAL DE SERICICULTURA

Quando entrávamos no pavilhão central da Secção Experimental de Sericicultura, o Dr. Heitor Grilo nós disse :

— Enquanto os puristas discutem se se deve dizer *sericicultura* ou *sericultura*, nós fazemos aqui, de fato, criação científica do bicho da seda.

Chegados ao *hall* do edifício, o Dr. Mário Teles, diretor da Divisão do Fomento da Produção Animal, do Ministério da Agricultura, expôs os métodos de trabalho da Secção de Sericicultura, possibilitando assim a cada um dos ouvintes compreender melhor o que iria ver. E a visita se iniciou não só a todas as dependências do Pavilhão Central como também às dos pavilhões de : Amoreira, Criação, Seleção e Indústria.

Muito nos agradou ver a metamorfose por que passa o bicho da seda, desde o ovo até ao inseto adulto, isto é, a borboleta.

Já há em terras do C.N.E.P.A. oitenta e duas mil amoreiras plantadas, que possibilitam a produção de cinco mil quilos de casulos.

No meio do amoreiral encontram-se várias sirgarias rústicas, feitas de tijolo e de sapé. Alí também se fazem criações do bicho da seda, possibilitando ao pequeno agricultor realizar essa rênsonda indústria com pouco dispêndio de capital.

EDIFÍCIO PRINCIPAL DA ESCOLA NACIONAL DE AGRONOMIA

Transposto o vestíbulo, todos os visitantes defrontaram largo pátio interno, de 120 metros de comprimento por 100 de largura e fechado nas quatro faces por varandas de bejas

arcadas, conforme se pode ver pela fotografia estampada nesta reportagem.

No pavimento térreo vimos o auditório com capacidade para oitocentas pessoas, destinado a conferências, solenidades, cinema e teatro. Ainda no andar térreo observámos três amplos anfiteatros com capacidade cada um para cento e oitenta alunos. Encontram-se também no pavimento térreo as dependências destinadas às cadeiras de agricultura geral, especial, silvicultura, horticultura, economia rural e desenho, da Escola Nacional de Agronomia ; e fisiologia dos animais domésticos, terapêutica, patologia geral e inspeção de carne, da Escola Nacional de Veterinária.

Verificámos como nesse edifício da escola serão contempladas as novas cadeiras que integrarão o seu programa de ensino, cadeiras essas que serão instaladas em numerosas salas, reservadas umas a trabalhos práticos dos alunos ; outras aos estudos especializados de estagiários e alunos funcionários dos cursos de aperfeiçoamento e especialização ; outras ao gabinete e laboratório do professor e seus assistentes ; e outras, finalmente, à numerosa aparelhagem em geral.

E o velho repórter sentiu não encontrar desde já alí entre tantos laboratórios, um em que a arte manhosa de Mefisto lhe pudesse renovar a carcassa, fazendo-o recuar trinta anos, afim de poder matricular-se nessa escola e gozar de tão sedutor ambiente !

Subimos ao primeiro andar e deparámos imensa sala destinada à leitura dos estudantes. Para ter-se idéia de sua área basta que se diga ter ela comportado cêrca de quinhentos convivas num almôço que a classe agrônômica brasileira ofereceu ao Presidente Getúlio Vargas. E galgámos

mais outro piso, onde se encontram as salas de administração do C.N.E.P.A.; a da congregação, a do Conselho Técnico e a de professores.

No terraço da sala da congregação descortinamos panorama de imensa beleza, e Bueno; o fotógrafo terrível, bateu outra chapa, na qual se pode ver realmente a beleza daquele quadro imenso.

Ao descermos ao pátio, o Dr. Heitor Grilo nos fez rápida descrição do que será o seu jardim interno, com grande espelho d'água, emprestando-lhe aspecto tipicamente brasileiro.

INSTITUTO DE ECOLOGIA AGRÍCOLA

Deixando, à esquerda da estrada Rio-São Paulo, onde se encontram, os estabelecimentos destinados ao ensino, passaram os visitantes para o lado direito da estrada, em que estão sediados os estabelecimentos destinados à pesquisa.

Todos já haviam almoçado — um saudável almôço de roça, sem as “perfumarias” e “camuflages” dos de confeitaria, e no qual nos serviram macios bifés de grelha, a se “diliar”, como diria o nosso caipira. Refeitos assim confortavelmente, claro que aumentou em cada um de nós a disposição a novas incursões pelos domínios das ciências aplicadas à moderna agronomia. E foi assim, nesse estado satisfatório, que penetrámos no Instituto de Ecologia Agrícola, onde o seu diretor, o simpático Dr. Elídio Velasco, nos recebeu amavelmente.

Esse instituto, que está funcionando no quilômetro 47 há cerca de dois anos, tem finalidade preponderante no quadro do C.N.E.P.A.

A elaboração do grande “Mapa Ecológico Brasileiro”

Em ampla sala, ao lado da biblioteca, vimos, esticado no chão, grande mapa do Brasil.

Esse mapa, que revela todos os 1.574 municípios brasileiros, está servindo de base à elaboração do grande “Mapa Ecológico Brasileiro”.

O que é ecologia agrícola

Já é tempo de dizermos o que é ecologia agrícola, conforme definição bem simples do Dr. Elídio Velasco, ao esclarecer desta forma a finalidade do seu Instituto:

— Nós aqui procuramos estudar as influências do ambiente — clima e solo — sobre o desenvolvimento das plantas cultivadas.

— Ora bolas, seu Ribeiro, assim não vale! Eu pensei que essa tal de ecologia fôsse mais complicada. Esse nome é uma espécie da peninha da anedota, só p'ra atrapalhar a gente... (Disse-nos baixinho ao lado o Bueno, o Luiz Bueno, o fotógrafo amigo, do *Correio da Manhã*).

O algodão do nordeste e o algodão de São Paulo

D. Elsa Duque Estrada faz então sua primeira pergunta ao Dr. Velasco, revelando-nos assim pendores para economista:

— Por que se diz algodão “Seridó”?

(Natural a pergunta da representante dos funcionários do Ministério da Educação, pois no momento já o diretor do Instituto discorria sobre variedades de algodão).

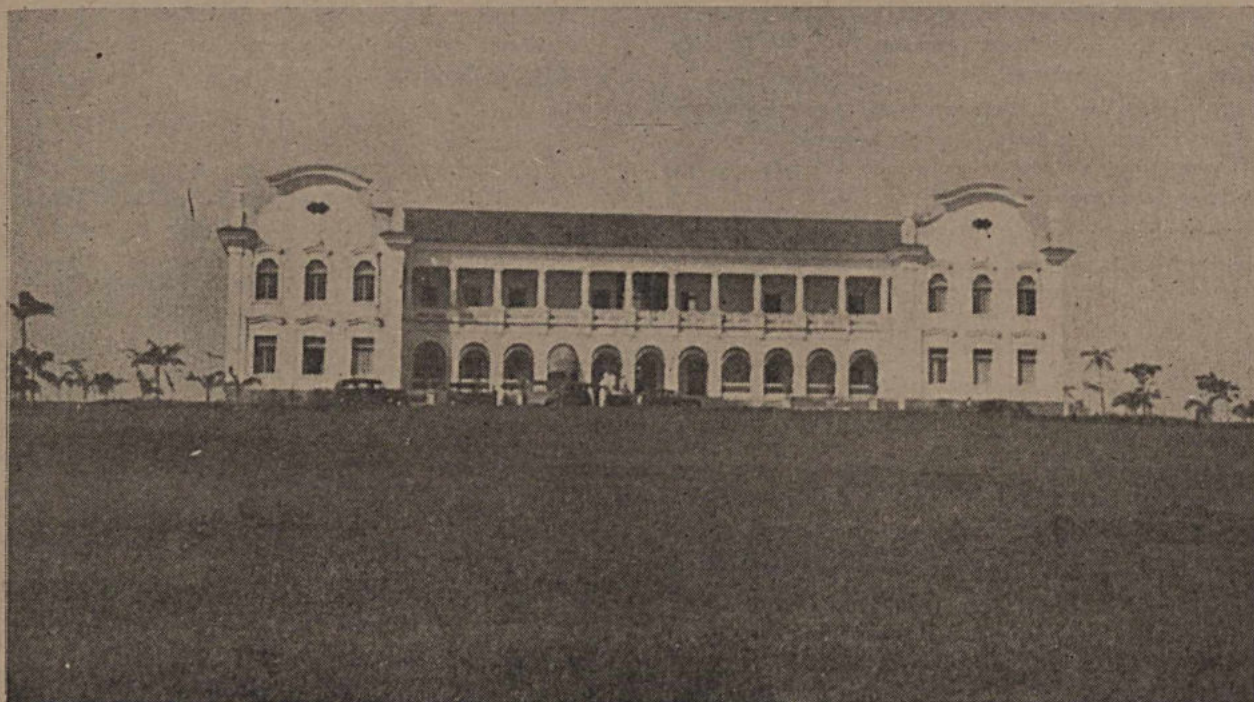
— Trata-se de um tipo comercial de algodão, proveniente da variedade “Mocó”, cultivada no sertão nordestino brasileiro.

— E em São Paulo, também não é cultivada essa variedade “Mocó”?

— Não. Essa exige clima seco e árido, e em São Paulo, como sabe, são diferentes as condições climáticas. Daí, pois, a providência da criação de duas variedades adequadas àquele Estado, as quais se devem ao Instituto Agrônô-



C.N.E.P.A. — Vista parcial dos edifícios da Secção de Sericicultura



C.N.E.P.A. — Edifício do Instituto de Ecologia Agrícola, já em funcionamento

mico de Campinas e, sobretudo, ao eminente geneticista Dr. Cruz Martins.

Como trabalha o Instituto de Ecologia Agrícola

O Dr. Elídio Velasco, deixando de falar das variedades do algodão, passou a expor a forma de trabalhar o Instituto para o levantamento do mapa ecológico. Disse-nos que as fontes dos dados indispensáveis à elaboração desse mapa são várias, e acrescentou:

— Recebemos a contribuição nesse sentido de estabelecimentos agrários federais, estaduais e também de prefeituras municipais. Além disso, o Instituto mantém uma equipe de funcionários que viajam pelo interior do Brasil colhendo, pelas regiões agrícolas de mais importância, elementos informativos mais precisos aos nossos trabalhos. Em efetivo serviço há cerca de 15 desses técnicos trabalhando para o Instituto não só no serviço propriamente de coleta e coordenação de dados, como em outros setores diferentes do Instituto.

Belas perspectivas para a Baixada Fluminense

O Instituto já procedeu a alguns estudos de adaptação de culturas novas para a Baixada Fluminense. Os resultados já foram favoráveis quanto às seguintes: o linho em toda a Baixada; o feijão preto (vagem roxa), a alfafa, várias plantas têxteis e várias leguminosas. O próprio Instituto tem belíssima plantação de sisal em suas terras na Baixada, só para falarmos de uma importante planta têxtil. Além dessa, tem ele 20 outras plantas têxteis diferentes ali no quilômetro 47, para estudo de sua classificação ecológica.

Quanto a leguminosas, podem ser citadas 18 variedades e entre elas algumas centrosemas, plantas que se prestam muito para adubação verde em terras fracas, e servem também como forragem.

Para julgar-se da riqueza das suas plantações, tem o Instituto, só de mandioca, 250 variedades diferentes!

O Horto Botânico Agrário

O Instituto está instalando um Horto Botânico Agrário no quilômetro 47 e onde devem figurar, tanto quanto possível, todas as nossas plantas úteis cultiváveis ou nativas.

Lá já estão várias espécies de plantas amazônicas e nordestinas, destacando-se, entre elas, a seringueira e a oiticica. A oiticica vem hoje enriquecendo o norte, pois as terras que sempre a produziram e nada valiam, porque ignoravam o valor dessa planta nela muito espontânea, estão hoje bem valorizadas. O óleo extraído da oiticica é magnífico sucedâneo do óleo de linhaça, além de ter muitas outras aplicações industriais.

O Instituto está observando que são mais adaptáveis às condições da Baixada Fluminense as plantas procedentes do norte do país.

Quanto às plantas do sul, lá já se acham a herva mate, o chá, o pinheiro, etc., mas o seu comportamento não tem sido satisfatório. Aliás fácil é de compreender-se esse *retraimento*, pela diversidade de clima.

Plantas medicinais

Como se sabe, o Brasil importa do estrangeiro, anualmente, milhões de cruzeiros de matéria prima para sua indústria farmacêutica e, no entanto, poder-se-ia evitar se-

melhante evasão de nosso dinheiro, fazendo-se aqui um estudo ecológico de plantas exóticas que pudessem medrar em nosso meio.

Considerando êsse fato, tem o Instituto especial carinho pelo setor de plantas medicinais de seu horto. Nele figurarão não só as plantas nossas como as estrangeiras. E é apreciável a coleção dessas plantas em observação local no quilômetro 47.

A Chinchona, de que se extrai o quinino, de largo consumo mundial, talvez pudesse ser introduzida no país, mas na Baixada Fluminense ela não se dará bem. Entretanto, nas altitudes úmidas brasileiras, é possível que consiga medrar. O Dr. Elídio Velasco nos adiantou que o Instituto vai ver isso, logo que disponha de local adequado, que está sendo procurado no mapa ecológico em elaboração.

Já foram plantadas, no quilômetro 47, mudas de plantas que produzem cânfora, mas é cedo ainda para julgar-se de sua adaptabilidade ao ambiente da Baixada Fluminense.

Quanto a plantas medicinais nacionais, a sua coleção é grande e o Instituto quer saber, dentre elas, as que podem ser cultivadas em locais diferentes daqueles em que espontaneamente produzem. E só isto será de grande valor econômico para a Baixada Fluminense e zonas de clima semelhante.

INSTITUTO DE EXPERIMENTAÇÃO AGRÍCOLA

O diretor, Dr. Alvaro B. Fagundes, recebe os visitantes na varanda da magnífica sede do instituto que dirige, dizendo-lhes :

— Os senhores já devem estar muito cansados...

Assim como se lhes quisesse dizer :

— Vou poupá-los de minúcias exaustivas na exposição dos serviços da casa.

E começou por mencionar os nomes das secções que a organização técnica do Instituto mantém ali na sede e que são estas : Fertilidade do Solo, Entomologia, Fitopatologia, Genética, Horticultura e de Plantas Têxteis. Disse ainda que o Instituto mantém estações e campos experimentais em vários Estados do Brasil e com os quais se corresponde freqüentemente.

Daremos no fim das notas referentes ao Instituto a relação completa dessas suas dependências fora do Rio de Janeiro.

O Dr. Alvaro Fagundes nos levou primeiro à

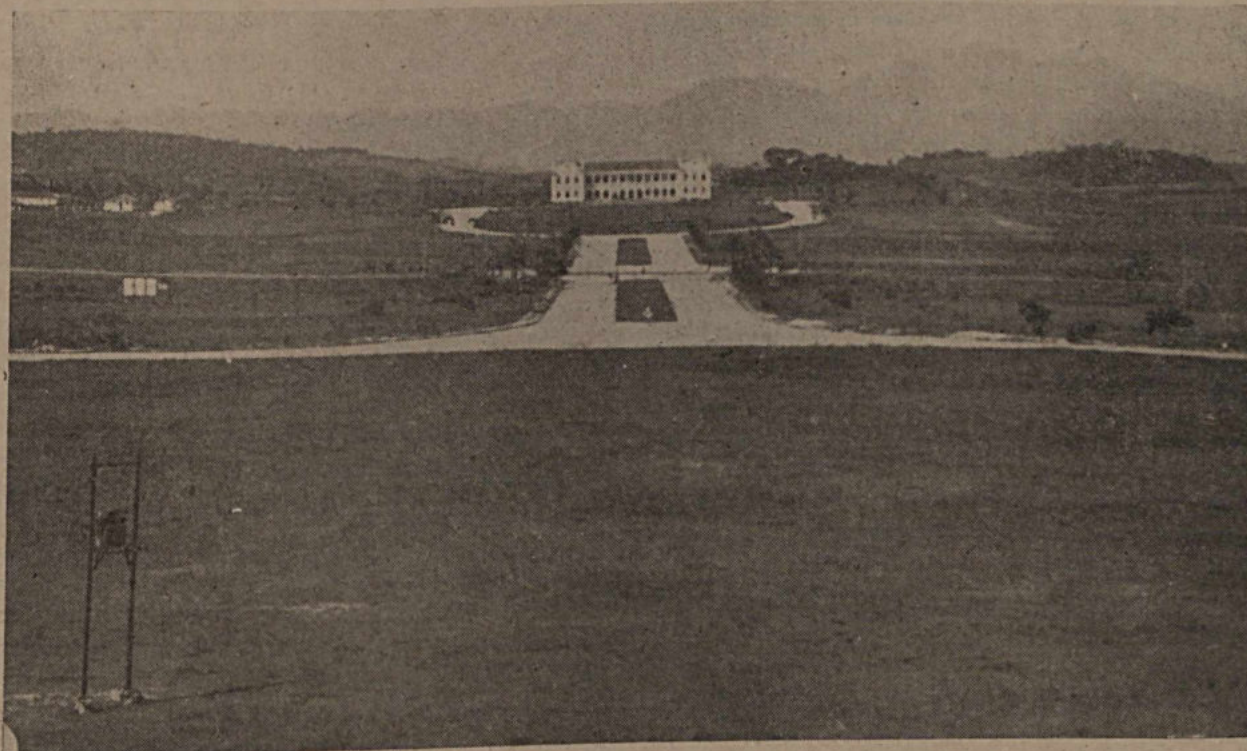
Secção de Fitopatologia

Alí fomos apresentados ao técnico Dr. José Maria Joffely, no momento entregue a estudos sobre as doenças da mamoneira, causadas por dois fungos dos gêneros *Fusarium* e *Botrytis*, já os tendo descoberto.

E o Sr. Custódio Martins de Almeida fez ao Dr. José Maria Joffely esta pergunta que também desejávamos fazer :

— O senhor chegou, naturalmente, a resultados positivos depois de muitas tentativas...

— Não é por tentativas que se chega a resultados assim, mas de acôrdo com a técnica moderna da fitopatologia, que, como o senhor sabe, estuda as doenças das plantas. Neste tubo fizemos o isolamento e a cultura do agente causador da doença e depois o experimentámos em plantas sãs para termos a prova experimental da reprodução da doença.



C.N.E.P.A. — Vista do parque, vendo-se ao fundo o edifício do Instituto de Ecologia Agrícola



C.N.E.P.A. — Edifício do Instituto de Experimentação Agrícola

Foi-nos dado ver depois, ao microscópio, milhões de corpúsculos infinitamente pequenos e que são, por sua vez, infinitamente perigosos às plantas cultivadas.

A Secção de Fitopatologia está fazendo o levantamento dos fungos patogênicos que ocorrem na Baixada Fluminense; investigações sobre uma galha do eucaliptus, semelhante ao "crown gall"; o estudo sobre as formas de *Cercopora* que ocorre na mesma baixada, e, ainda, investigações sobre uma ferrugem do eucaliptus.

Secção de Fertilidade do Solo

Esta secção procede a estudos sobre a fertilidade dos solos da Baixada Fluminense e das regiões servidas pelas estações experimentais, procurando estabelecer possível correlação entre os dados de campo e os de laboratório. Estuda também as bactérias fixadoras de azoto.

Na Secção de Fertilidade do Solo recebeu-nos o técnico Strauss, que, estando com a mão na massa, como se diz vulgarmente, assim nos falou:

— Estou aqui examinando esta amostra de solo para determinar a sua riqueza biológica, isto é, a quantidade de micróbios úteis à agricultura, assim como os nocivos.

Vimos na secção outras amostras de solos de vários pontos do país, as quais estão sendo devidamente examinadas. Concluídos que sejam esses estudos, terão os lavradores indicações precisas para proceder à correção e à melhoria dos seus solos, mediante adubação e outros processos adequados.

A Secção de Fertilidade do Solo e a Secção de Solos, do Instituto de Química Agrícola do C.N.E.P.A. tendem muito a desenvolver-se, como observamos, para atenderem às suas amplas finalidades. E oxalá essas duas importantes secções cresçam e possam mais tarde constituir o verdadeiro Instituto dos Solos Brasileiros!

Secção de Entomologia

Ao entrarmos na Secção de Entomologia já sabíamos que iríamos tomar contato com uma das mais notáveis coleções de insetos do mundo!

Essa coleção foi formada de pequenas outras que, antes de 1930, se achavam espalhadas por diferentes serviços do Governo.

A sua reunião em um único instituto possibilitará aos estudiosos de entomologia o exame de material perfeitamente classificado até à espécie, facilitando dêsse modo a identificação das pragas e dos demais insetos que atacam as lavouras.

Essa coleção, com mais de 60.000 exemplares da fauna neotropical, acha-se exposta em várias salas e em armários excelentemente confeccionados e todos sob a guarda vigilante e carinhosa do entomologista Dario Mendes, que nos disse que a Secção realiza trabalhos de entomologia sistemática e procede a estudos sobre a biologia dos insetos que constituem pragas das plantas cultivadas na Baixada Fluminense, e de seus inimigos naturais.

O precursor do arranha-céu

Bateu longe o passarinho "João de Barro" e precedeu os arquitetos na construção do "arranha-céu"! Um verdadeiro precursor das construções de muitos andares! Aquela pequena vespa constrói a sua casa com sete andares. E faz isso sorrindo, isto é, zumbindo...

E o Dr. Dario Mendes nos levou a ver a obra arquitetônica da vespa, uma casa que lhe deve ser perfeitamente confortável e sem o inconveniente da espera do elevador e outras torturas a que nós outros estamos sujeitos a todo instante. A vespa entra e sai de casa facilmente "com a perna às costas", isto é, voando diretamente para seus aposentos reservados, entrando mesmo pela janela... Talvez um dia cheguemos também a semelhante perfeição...

O mimetismo como defesa inteligente...

Conhecíamos o "bicho do páu", aquela espécie de gafanhoto escuro (desculpem-nos os entomologistas essa definição simplista...), muito feio e da cor da madeira e que, pousado num tronco de árvore, com esta se confunde.

Lá na Secção de Entomologia, além do conhecidíssimo "bicho do páu" há borboletas que, perseguidas por certos pássaros, procuram aproximar-se de outras "colegas", que não são por éstes perseguidos. E com essa aproximação passaram a confundir-se entre si, embora sejam de famílias diferentes. Como se vê, os senhores insetos merecem mesmo atenções especiais, quando mais não seja ao menos pelo seu comportamento social, como procurou compreendê-los o mestre Maeterlinck, camarada velho das abelhas e das formigas, que tanto as soube sentir e compreender.

Nem todos são inimigos das plantas

Naquele exército de 60.000 combatentes que o Dr. Dario Mendes manobra à vontade, estudando-os na apresentação, depois de lhes conhecer todas as manhas, e virtudes e defeitos, nem todos são prejudiciais às lavouras. Algumas espécies são, bem ao contrário, grandes protetoras das plantas, por não se darem bem com as "colegas" que as atacam. Haja vista a vespa de Uganda, que investe sempre contra o pequeno besouro, causador da "broca do café" tão nociva à lavoura desse produto.

Quando observamos de perto a vespa de Uganda, o Dr. Heitor Grilo, a nosso lado, chamou-nos a atenção para outro inseto protetor das plantas, dizendo-nos:

— Veja aquí neste mostruário um caso típico de inseto útil à agricultura, porque é também inimigo de uma das

mais daninhas pragas que a infestam, atacando de preferência o guando. Olhe! — é esta vespa aquí. Ela depõe os ovos no corpo desta lagartinha nociva, infectando-a de tal forma que esta fica inibida de desenvolver-se e, portanto, impossibilitada de exercer sua ação daninha.

Paciência incrível

Nem o miniaturista, como os famosos de Dresden, que se dedicam a pinturas em porcelana, nem o ourives a lavrar filigranas em jóias de alto preço, nenhum desses artistas, de certo, excede em paciência extremada àquele cientista que, num recanto de laboratório, se alheia por completo de tudo, absorvido, inteiramente absorvido em tarefa cujo valor, afinal, só êle sente e compreende. E a jóia que êste artista trabalha não tem valor algum para nós outros; no entanto, para aquele entomologista, é uma parcela de sua vida!

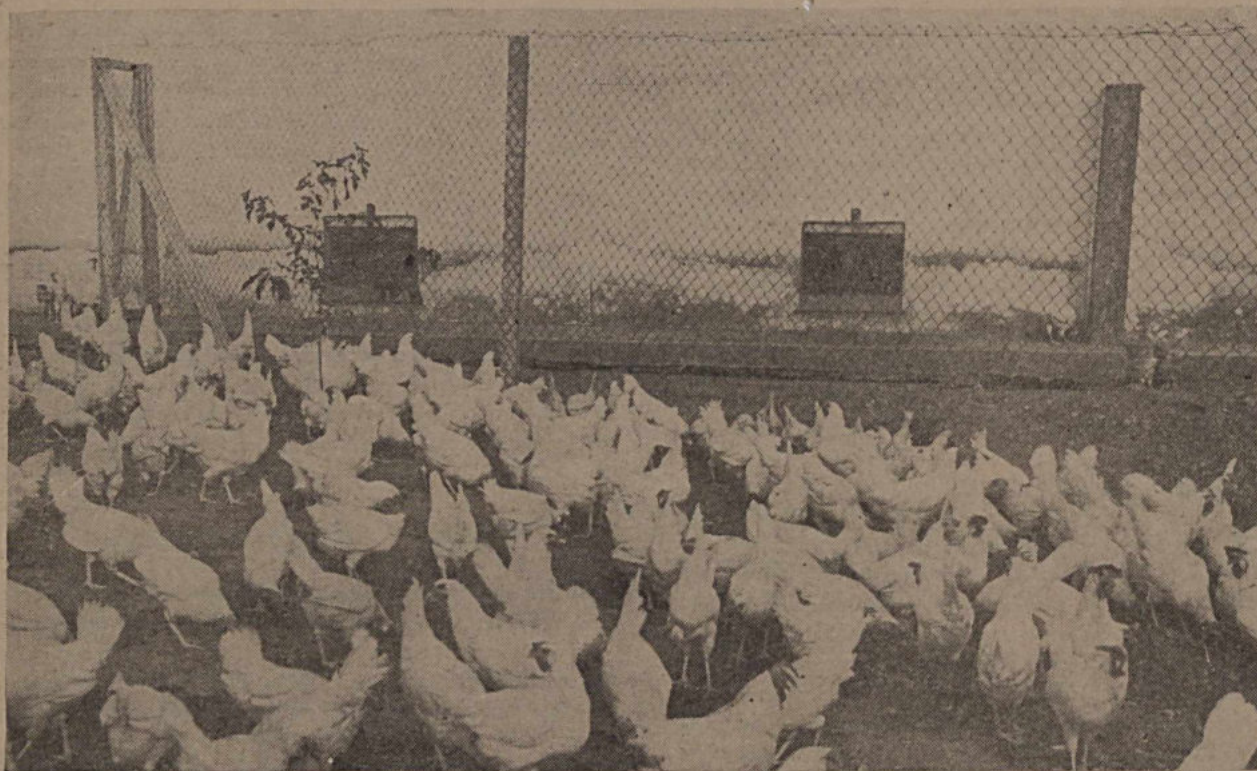
O Dr. Dario Mendes sofre intensamente se descobre modado um tesouro de sua coleção. E com um jeitinho especial, a revelar, nos movimentos das mãos, medo até dos dedos, vai limpando com mil carícias as asas de sua riqueza, do exemplar raríssimo de uma espécie de praga da lavoura que lhe deu tanto trabalho para conquistar e manter bem conservada! Incrível paciência!

Secção de Genética

A Secção de Genética procede a estudos das diferentes variedades de guando e trabalhos de melhoramentos desta planta, visando a obtenção de formas que aliem a um alto rendimento, sob as condições da Baixada Fluminense, as qualidades de produto mais apreciadas no mercado, e está



C.N.E.P.A. — Um plantel de galinhas da raça Rhode-Island Red, da Estação Experimental de Avicultura



C.N.E.P.A. — Galinhas da raça Leghorn, da Estação Experimental de Avicultura

fazendo investigações sobre o comportamento genético das outras plantas cultivadas na mesma baixada. Realiza trabalho de melhoramento da mamona visando a obtenção de tipos de maior resistência e produtividade e mais elevado teor em óleo.

Secção de Horticultura

Esta secção, que trabalha sob a orientação do Sr. Schrad, está fazendo o estabelecimento de uma coleção de plantas frutíferas tropicais e investigações sobre as mesmas, visando esclarecer as questões fundamentais para o desenvolvimento de fruticultura na Baixada Fluminense. A referida coleção já conta com 3.047 exemplares, representando 137 espécies, 77 gêneros e 32 famílias.

Procede a investigações sobre diferentes tipos de cobertura para pomares, visando determinar a que, sem prejudicar as fruteiras, apresentam maior eficiência na conservação da fertilidade e no controle da erosão.

Realiza também ensaios sobre variedades e processos de cultivo de hortaliças, visando, principalmente, resultados que contribuam para o desenvolvimento da olericultura na Baixada Fluminense.

Secção de Plantas Têxteis

A Secção de Plantas Têxteis, de que é chefe o Dr. Okiro Braga, faz estudos de laboratório sobre a qualidade do algodão e das fibras têxteis produzidas nos estabelecimentos experimentais, bem como do material cujo exame é solicitado por agricultores e industriais.

Realiza investigações, em colaboração com as estações experimentais, sobre variedades, métodos e plantio e processos de beneficiamento aplicáveis às plantas têxteis.

Na secção de Plantas Têxteis estão sendo feitos no momento interessantes estudos de plantas têxteis liberianas para substituir a juta indiana na fabricação de sacarias.

Estações e Campos Experimentais

Como prometemos no início destas notas, aqui damos a relação de todas as Estações e Campos Experimentais subordinados ao Instituto de Experimentação Agrícola:

Estação Central de Experimentação, no quilômetro 47 da estrada Rio-São Paulo.

Estações Experimentais em: Deodoro (Distrito Federal), Campos (Estado do Rio), Ipanema e Botucatu (S. Paulo), Pomba, Sete Lagoas, Coronel Pacheco e Patos (Minas), Rio Caçador (Santa Catarina), Passo Fundo e Pelotas (Rio Grande do Sul), União (Alagoas), Frio, de Recife, Itapirema e Surubim (Pernambuco), Alagoinha (Paraíba) e Seridó (Rio Grande do Norte).

Campos Experimentais em: Barbalha (Ceará), S. Gonçalo (Baía), S. Simão (S. Paulo), e Lavras e Machado (Minas).

SECÇÃO EXPERIMENTAL DE AVICULTURA

Foi a última dependência subordinada ao Departamento Nacional de Produção Animal, que visitámos e já no regresso à cidade, na tarde de 17 de novembro.

O Pavilhão Central é precedido de uma linha graciosa de casinholas, cada uma abrigando dois galos, visivelmente

contrafeitos naquela separação forçada, longe do domínio do terreno... Disseram-nos que tal reclusão é muito necessária, e os técnicos de avicultura devem saber porque. Também, quando os galos saem de lá, do "estágio probatório" que os estatutos da casa prescrevem, mostram logo que foi proveitoso o descanso, como soe acontecer com as pessoas de idade provectora ou esgotadas pela intoxicação do asfalto nos grandes centros urbanos ao regressarem lampeiros de uma estação de águas, onde se entregaram a delicioso *farniente*...

Depois dos galos sorumbáticos, as grandes divisões, com lindos plantéis de galinha Leghorn e Rhode-Island, a encher-nos a vista! O dia nos fôra cheio de demonstrações científicas e nomes complicados de coisas de laboratório, e o mesmo aviário, com suas três mil galinhas, visitado depois, deixa-nos impressão diferente, a fazer-nos lembrar o bucolismo saudável da vida do campo, simples, natural e mais compreensível.

No interior do Pavilhão Central vimos grande chocadeira elétrica para 6 mil ovos e outra para mil. A perda é só de 30%. Essas chocadeiras só trabalham de maio a setembro. Ali já está sendo explorado o comércio de ovos para consumo. Não são vendidos, porém, os destinados à reprodução, nem galinhas ou pintos, reservados ao aumento dos vários plantéis do aviário, que poderá comportar 20 mil galinhas!

A ARQUITETURA PAISAGÍSTICA DO C.N.E.P.A.

Desde que se iniciaram há quatro anos atrás os trabalhos de construção das dependências da Escola Nacional de Agronomia, tiveram também começo os referentes à ar-

quitetura paisagística do local, compreendendo a construção do parque botânico ornamental e dos grandes lagos.

Já se acham prontos cerca de 600.000 metros quadrados ajardinados, mas ainda falta completar-se o restante, compreendendo o serviço de ajardinamento dos pátios dos três edifícios principais, o do Pavilhão Central, que é o maior, o do Pavilhão de Química e o de Biologia.

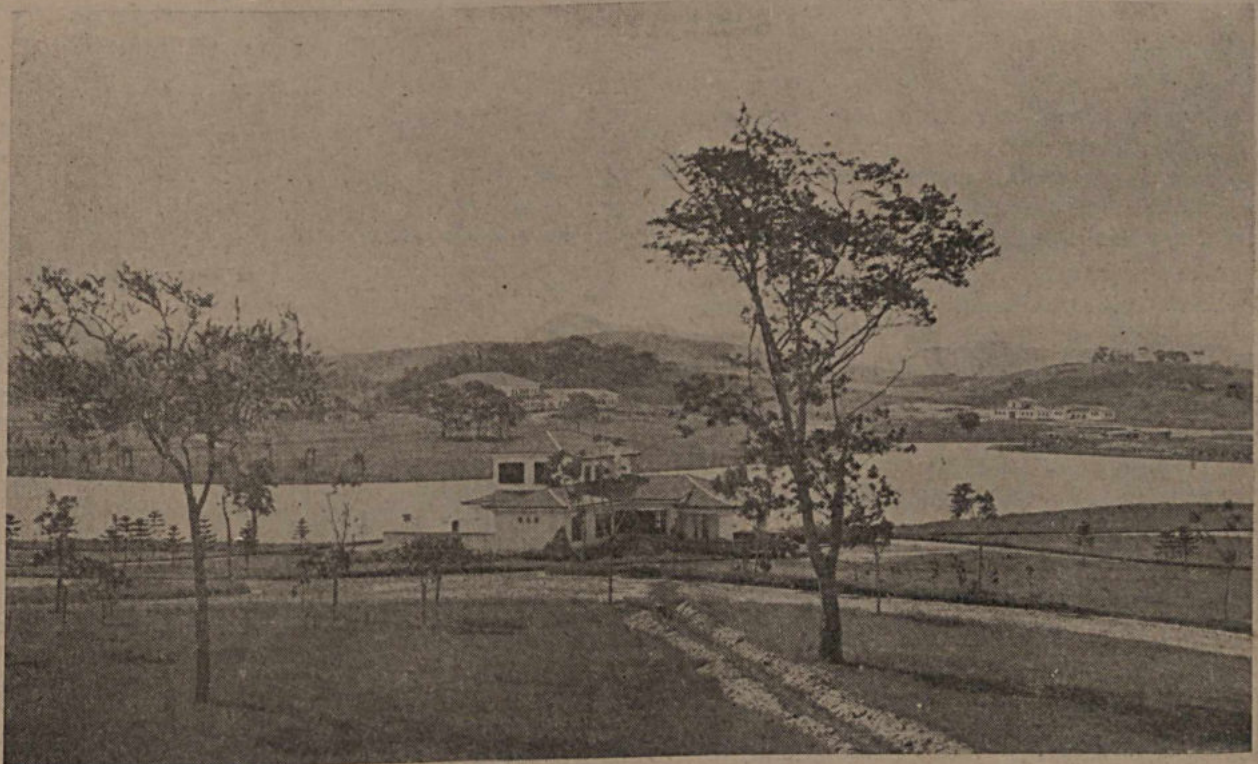
As essências escolhidas para compor o parque ficam de acôrdo com as suas possibilidades de adaptação local, tendo-se sempre em vista o efeito paisagístico dos respectivos agrupamentos e contrastes previstos, isto é levando-se sempre em consideração o confronto e a plástica produzida pela combinação das cores variadas e pela plástica produzida pela luz e pela sombra.

Hoje, vendo-se o grande parque que se esboça de forma risonha, ninguém calcula o que foi a penosa tarefa decorrente do movimento de terras, formação dos canteiros e de seu plantio.

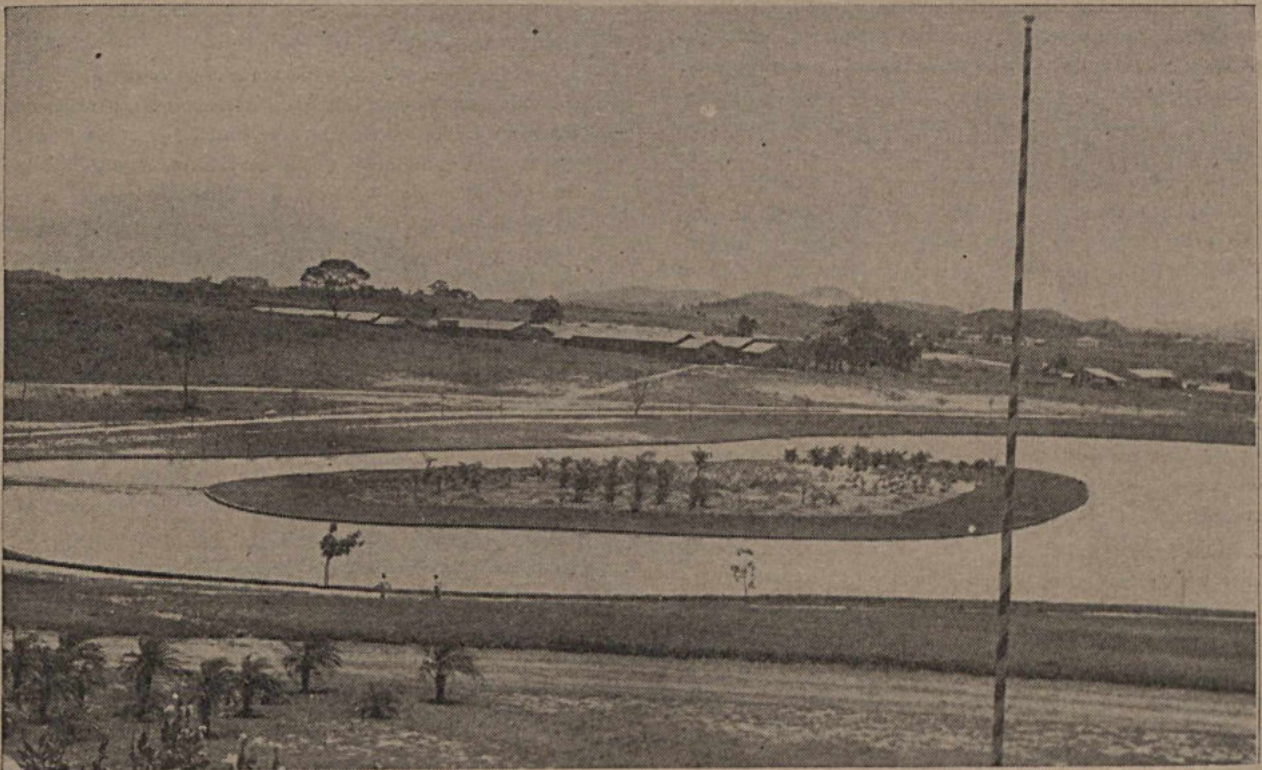
Além do efeito decorativo dos dois lagos, pelo espelhamento das construções que lhe ficam próximas e de certos recantos do próprio parque, tiveram êles a propriedade de concorrer sobremaneira para o saneamento de alguns trechos pantanosos do local.

A profundidade desses lagos é de quatro metros no máximo, sendo a mínima de sessenta centímetros junto às bordas, com o que se evitam mosquitos, pois que as águas estão sempre num movimento ligeiro, permitindo até a formação de algumas ondas produzidas pelo vento.

A firma Dierberger Arquitetura Paisagística Ltda. de São Paulo, que planejou e executou esses trabalhos em toda a Escola Nacional de Agronomia, está prosseguindo ainda



C.N.E.P.A. — Vista parcial do parque, vendo-se a casa do diretor da Escola Nacional de Agronomia



C.N.E.P.A. — Vista parcial de um dos lagos, vendo-se ao fundo os alojamentos de operários

nos referentes a diversas áreas defronte aos Institutos de Ecologia, Experimentação e de Meteorologia. A área dessa segunda parte e jardinagem está calculada, mais ou menos, nuns 400.000 metros quadrados.

O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO DOS OPERÁRIOS

O diretor do C.N.E.P.A. aludiu, na explanação aos funcionários públicos que no dia 17 de novembro visitaram as obras do quilômetro 47, ao sério problema da alimentação dos operários, assunto que sempre preocupou os chefes de serviço, desejosos de ter homens mais eficientes e constantes, com a sua fixação no local de trabalho.

A princípio, o C.N.E.P.A. deixava ao critério das empresas contratantes de serviços no quilômetro 47 a alimentação de seus operários. Mas a observação de fatos e ocorrências diárias levou a direção do C.N.E.P.A. a tomar medidas que evitassem tal liberdade, só prejudicial aos trabalhos de construção e aos próprios operários, porque nada havia sido organizado praticamente para resolver-se de forma adequada o problema ali da alimentação eficiente e barata.

E, sobre esse assunto e outros correlatos, falamos na sede do C.N.E.P.A., à praça 15 de Novembro, com o Dr. René Cunha, encarregado dos serviços agrícolas no quilômetro 47 e membro do conselho fiscal da Cooperativa de Consumo dos Servidores do C.N.E.P.A. Ltda., a quem fomos apresentados pelo Sr. Alcino Faria Machado, que foi o iniciador, ao lado do engenheiro Fernandes Leite, dessa cooperativa.

Pelas informações desse técnico, pode-se realmente aferir do esforço e da boa vontade com que se procurou dar cabal solução a problema a que nenhum administrador pode ficar indiferente, não só pelo lado humano e social como também pelo econômico, o do maior rendimento do serviço: a alimentação suficiente e equilibrada de seus auxiliares.

E o Dr. René Cunha assim falou:

— A média dos salários dos trabalhadores no quilômetro 47 era de 300 cruzeiros mensais até há pouco tempo, o que — dado o encarecimento atual da vida, criou uma situação embaraçosa para os trabalhadores, que se viam obrigados a dispendar quasi todo o seu salário só na alimentação. Por outro lado, com o recrutamento geral de braços de toda parte, verificámos pequeno êxodo de nossos homens, naturalmente atraídos por salários mais vantajosos. E antes mesmo do atual aumento dos vencimentos decretado pelo Governo, procurámos solucionar satisfatoriamente a crise que já estávamos defrontando. Como era natural, a questão dos preços dos alimentos nos interessou logo. Não podíamos então aumentar os salários de nossos operários, e pensámos que seria mais conveniente criar uma cooperativa de consumo de modo a interessar a todos os trabalhadores, que poderiam assim ficar a coberto das dificuldades naturais a que estavam sujeitos, não só pela carência de recursos de aquisição como também pela irregularidade do abastecimento de gêneros de primeira necessidade naquela zona.

E daí voltarmos as nossas vistas para as sobras da produção agrária do C.N.E.P.A. no quilômetro 47.

— E os senhores não tiveram a princípio dificuldade em arregimentar os trabalhadores e fazê-los compreender as necessidades de cooperativa?

— Ah! isso foi um trabalho infernal! Como não somos entendidos em cooperativismo, valem-nos do Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, que prontamente nos enviou um técnico no assunto, o Dr. Moretson.

Com habilidade conseguiu êle fazer-se ouvir pelos trabalhadores, não em conferências ou discursos, mas em conversas simples, camaradas, assim de igual para igual, como não querendo convencer ninguém... E o resultado dessa conduta foi magnífico! Preparado assim o terreno, metemos mãos à obra. Como sabe, não há cooperativa sem quotas-partes, isto é, a contribuição inicial de cada um para se formar o capital necessário às primeiras operações, que se reduzem, em suma, à aquisição de gêneros, instalação da cooperativa em local conveniente, etc.

— E com quantos operários, ou, melhor, com quantos subscritores de quotas-partes se iniciou a cooperativa?

— Duzentos, mais ou menos.

— Foi recebida de uma só vez a quota-parte de cada um dêles?

— Sendo em média de 300 cruzeiros o salário, deveria o operário gastar um terço dêle em alimentação, ou sejam cem cruzeiros, valor que estabelecemos para a quota-parte

de cada associado da cooperativa e que deverá ser paga em dez prestações de dez cruzeiros.

— Mas os senhores esperaram que cada operário integralizasse sua quota-parte para depois então lhe fornecer os gêneros da cooperativa?

— Absolutamente. Se fôssemos esperar por isso, só no fim de dez meses — e isso na melhor hipótese — a cooperativa poderia começar a operar. Foi-nos suficiente apenas o compromisso de cada operário de tornar-se sócio para levantarmos o capital inicial e indispensável à instalação da cooperativa, o que, aliás, foi feito. No fim de cada mês, o operário paga os gêneros que retirou da cooperativa, sendo sua conta acrescida de dez cruzeiros, correspondentes a uma prestação de sua quota-parte. Essas operações são registradas regularmente em sua caderneta.

— Assim mesmo com essas facilidades, não houve operários embaraçados no fim do mês?

— Sim, houve, porque muitos dêles já se achavam onerados com dívidas anteriores e não podiam abrir mão de um terço, em média, de seus salários para pagar sua conta mensal ao armazém da cooperativa e a prestação também da quota-parte.

— Naturalmente, a êsses faltosos suspendeu a cooperativa o fornecimento de gêneros...



C.N.E.P.A. — Funcionários de diversos ministérios na escadaria do Instituto de Experimentação Agrícola

— Também não. Entrou em acôrdo com êles e ficou estabelecido que o primeiro mês "engasgado" fôsse também pago em prestações.

— Magnífico!

— E hoje a situação dêsses faltosos já se acha quasi normalizada. Há mais êste pormenor: acreditamos que haja no fim do exercício financeiro da cooperativa distribuição do "retôrno", isto é, dos lucros líquidos da cooperativa, na proporção dos gastos de cada associado.

— E se o associado não houver ainda completado sua quota-parte, receberá assim mesmo o "retôrno"?

— Não importa. Receberá o que lhe couber, conforme as compras feitas, e em dinheiro limpo, de contado...

— O senhor nos falou a princípio no aproveitamento das sobras da produção da lavoura que o C.N.E.P.A. está fazendo no quilômetro 47...

— Ah! é verdade! essa produção já é bem apreciável, pois só de arroz o C.N.E.P.A. colheu 500 sacas, das quais cedeu 50 à cooperativa por preço muito baixo.

— E aos operários solteiros, aos quais não interessa retirar gêneros da cooperativa, como pensam os senhores em lhes dar assistência alimentar?

— De forma muito simples: dando-lhes comida já pronta no restaurante da cooperativa!

— Mas o senhor não nos havia falado nisso...

— Sim, mas não estamos ainda conversando? Os operários solteiros pagam três cruzeiros por dia para estas refeições: café com pão e manteiga de manhã, almoço e jantar. O restaurante da cooperativa está atualmente fornecendo 150 almoços e 150 jantares. O pessoal graduado, que também come no restaurante, paga a refeição a quatro cruzeiros, e é êle também associado da cooperativa.

— E esta quantos associados já tem?

— Cêrca de trezentos, e tudo faz acreditar que se elevem a muito mais, logo que estejam em pleno funcionamento todas as secções do C.N.E.P.A., concluiu o doutor René Cunha.